

Menos vagas formais, mais por conta própria ou informais

Em uma economia sem tração, trabalhador busca alternativa de renda e flexibilidade na jornada, apontam especialistas

ANDERSON AIRES
anderson.aires@zerohora.com.br

Em meio à falta de tração da economia do país nos últimos anos, o emprego com carteira assinada perde espaço, enquanto os informais e os trabalhadores por conta própria avançam dentro da massa trabalhadora gaúcha.

A população empregada com carteira atingiu 41,65% do total de trabalhadores no Estado no primeiro trimestre deste ano. É o menor percentual em 11 anos em um primeiro trimestre. Em um recorte dos últimos oito anos, o RS perdeu 221 mil trabalhadores com carteira ante o volume de 2014.

Na outra ponta, o contingente de informais no setor privado atingiu o maior percentual dentro do montante para um primeiro trimestre em 10 anos: 13,25%. Já o grupo de trabalhadores por conta própria chegou a 25,74% dentro do total ocupado e apresentou o maior salto na participação nos últimos anos, pouco mais de cinco pontos percentuais acima do menor nível, em 2014.

Busca por renda maior e flexibilidade na jornada de trabalho estão entre os principais fatores que ajudam a explicar esses movimentos, segundo especialistas. Os dados são da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Continua Trimestral, do IBGE. No âmbito dos trabalhadores formais e informais no setor privado, o levantamento de ZH, com base nos dados do IBGE, também leva em conta os trabalhadores domésticos. Nos de conta própria, os dados juntam trabalhadores com e sem CNPJ.

Dinâmica

O coordenador da Pnad Continua no Estado, Walter Rodrigues, afirma que esse movimento costuma ocorrer em momentos de crise. Diante de cenário não tão favorável dentro da dinâmica clássica do mercado de trabalho, de vagas com carteira assinada, as pessoas acabam buscando a informalidade ou trabalhando por conta para garantir renda, segundo o especialista.

– Quando você não tem a alternativa de um emprego formal, tem essa questão de as pessoas

irem para a informalidade ou para o regime de conta própria com CNPJ. Partindo para uma alternativa fora daquilo que é o mais clássico no mercado de trabalho – explica Rodrigues.

Tecnologia

Pesquisador sênior da área de Economia Aplicada do FGV Ibre e especialista em economia do trabalho, Fernando de Holanda Barbosa Filho diz que o movimento também ocorre diante de mudança tecnológica. A busca por trabalho por conta própria foi impulsionada pela pandemia, aponta:

– Você vê em entrevistas que as pessoas preferem o trabalho híbrido e várias alternativas. Ao mesmo tempo, observa-se a tendência histórica de redução de formalização, principalmente em momentos de baixo crescimento econômico.

Coordenadora do Observatório do Trabalho da Universidade de Caxias do Sul, Lodonha Maria Portela Coimbra Soares afirma que a queda na renda média real dos trabalhadores formais também tem participação nesse processo. Com alguns salários que não sustentam os gastos necessários, parte dos trabalhadores acaba buscando alternativas para melhorar o orçamento da família, pontua:

– Algumas pessoas vão para o regime de conta própria ou buscam dois vínculos de emprego. (...) Em alguns casos, a pessoa tem um vínculo formal em um turno e no outro faz alguma coisa por fora. De alguma forma, as famílias tentam aumentar a sua renda ou ir diretamente para a informalidade.

Lúcia Garcia, economista do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos e especialista em mercado de trabalho, avalia que o avanço dos por conta própria e dos informais provoca diminuição da renda média. Esse cenário, diz, ocorre diante de flexibilização do emprego, que já ocorria antes da pandemia, mas foi impulsionada pela crise sanitária.

– É uma mudança do mercado de trabalho que vem se consolidando com a revolução tecnológica e um conjunto de leis que está procurando dar guarda legal para essa mudança – afirma.



Ribeiro comprou maquinário e ponto em vidraçaria e diz que conseguiu aumentar ganho

Troca para virar patrão de si

Vagner Ribeiro, 27 anos, é um dos trabalhadores que estão dentro do grupo que decidiu trocar o emprego com carteira pelo próprio negócio. No início do ano passado, comprou o maquinário e o ponto do antigo patrão em uma vidraçaria na Capital. Após idas e vindas em 2021 em meio à pandemia, resolveu formalizar sua empresa como microempreendedor individual em maio deste ano após obter retorno no empreendimento.

– Tenho uma renda bem melhor do que tinha quando trabalhava como funcionário. Também tenho mais liberdade. Faço o que quero, na hora que quero e consegui triplicar a renda que ganhava com carteira assinada – relata.

O presidente da Federação das Associações de Micro Empresas do RS (Fepeme), Wagner Silveira, afirma que o avanço dos trabalhadores por conta própria dentro do total da população ocupada é um movimento que ocorre há anos. Inflação em alta e empresas com problemas financeiros diante da pandemia são alguns dos fatores

que engrossam esse movimento, segundo o dirigente:

– São tendências tempestivas que ocorrem sazonalmente em situações de crise no país.

O pesquisador Fernando de Holanda Barbosa Filho, do FGV Ibre, avalia que as mudanças na dinâmica de trabalho têm participação importante nesse processo. O especialista diz que esse contingente de pessoas que trabalham por conta própria carrega dois perfis. Trabalhadores que enxergam oportunidade de negócio e investem e outros que abrem um negócio por necessidade de manter pelo menos uma fonte de renda.

Barbosa Filho destaca que o cenário pós-pandemia poderá contar com movimento de pessoas abandonando o emprego com carteira assinada em busca mais flexibilidade na jornada:

– Tem um pouco da mudança de tecnologia, das pessoas preferindo a liberdade de trabalhar sem patrão, com carga horária mais livre. Tenho impressão que isso pode aumentar no pós-pandemia.

A evolução

Variação da participação dos trabalhadores no RS no primeiro trimestre de cada ano (percentual de cada grupo dentro do total da população ocupada)

COM CARTEIRA ASSINADA NO SETOR PRIVADO*

2019	42,90%
2020	42,04%
2021	42,00%
2022	41,65%

INFORMAL NO SETOR PRIVADO*

2019	12,15%
2020	13,02%
2021	10,86%
2022	13,25%

POR CONTA PRÓPRIA**

2019	24,94%
2020	25,00%
2021	25,67%
2022	25,74%

*Inclusive trabalhadores domésticos

** Leva em conta conta própria com e sem CNPJ

Obs.: O restante da massa é formado por servidores públicos e outras categorias. Fonte: IBGE

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Seção: Política **Página:** 10